

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DO USO DE COMPOSTEIRA DOMÉSTICA NA REGIÃO
HIDROGRÁFICA 2 NO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Manuela Gazzoni dos Passos (*), Janete Facco, Marina Petzen dos Santos, Geisa Percio do Prado, Crisleine Zottis dos Reis

*Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus Chapecó e-mail biologamanu@gmail.com, Universidade Federal de Santa Catarina, Unopar Chapecó, Senai Chapecó, Unoesc Chapecó

RESUMO

A compostagem doméstica é apresentada com uma grande aliada na redução de resíduos na fonte geradora, fazendo com que apenas rejeitos cheguem aos aterros sanitários. O objetivo deste trabalho foi conhecer a percepção ambiental dos moradores da Região Hidrográfica 2, no oeste de SC, quanto ao uso de composteiras domésticas e a partir disso promover maiores debates sobre o assunto. A abrangência da RH2 abarca 60 municípios e cerca de seiscentos mil habitantes (IBGE, 2010). Grande parte desses municípios com até 50 mil habitantes. Foram aplicados 100 (cem) questionários com nove perguntas abertas e fechadas para moradores do ambiente urbano sobre compostagem caseira, a aplicação ocorreu durante o mês de janeiro de 2019. Dos 100 questionários aplicados, 57% dos entrevistados responderam que não realizam compostagem e 43% disseram que realizam. Conclui-se que ainda a necessidade da educação ambiental e da apropriação dos benefícios, sendo algo não só para o outro, mas para toda sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Compostagem, Educação ambiental, Adubo orgânico, Sustentabilidade

ABSTRACT

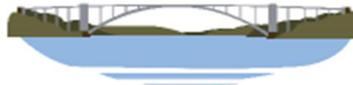
Domestic composting is presented with a great ally in the reduction of waste in the generating source, causing only waste to reach landfills. The objective of this work was to know the environmental perception of the inhabitants of Hydrographic Region 2, in the west of SC, regarding the use of domestic composteiras and from this, to promote greater debates on the subject. The scope of RH2 covers 60 municipalities and about six hundred thousand inhabitants (IBGE, 2010). Most of these municipalities with up to 50 thousand inhabitants. A hundred (100) questionnaires were applied with nine open and closed questions for residents of the urban environment on home composting, the application occurred during the month of January, 2019. Of the 100 questionnaires applied, 57% of respondents answered that they did not compost and 43% said they did. It is concluded that there is still the need of environmental education and the appropriation of benefits, being something not only for the other, but for all society.

KEY WORDS: Composting, Environmental education, Organic fertilizer, Sustainability

INTRODUÇÃO

Historicamente, ao falar de destinos de resíduos, até então somente chamado de lixo, vinha em mente os conhecidos lixões, terrenos baldios, enterramento e eventualmente, o destino em um aterro sanitário. Porém, mesmo nesta perspectiva mais positiva de depositar em um aterro sanitário controlado, os resíduos mantinham-se acondicionados todos juntos, sem nenhum aspecto de reciclagem. Essa problemática dos resíduos sólidos no Brasil ganha espaço de discussão cada vez mais acentuado a partir da promulgação da Política Nacional de Resíduos sólidos em 2010 (BRASIL, 2010). Porém apesar da discussão e avanços, muito ainda se tem a ser feito nesse sentido, especialmente com resíduos orgânicos que poderiam ser reduzidos ao máximo já na geração. Quando se pensa em resíduos orgânicos, segundo dados da Abrelpe (2018) a reciclagem desses resíduos ocorre em apenas 4% da fração orgânica gerada, apesar de 60% da massa total dos resíduos gerados pela população são classificados como resíduos orgânicos.

Nesse sentido, a compostagem doméstica é apresentada com uma grande aliada na redução de resíduos na fonte geradora, fazendo com que apenas rejeitos cheguem aos aterros sanitários. Segundo Siqueira e Abreu (2016) a compostagem é um processo natural de decomposição da matéria orgânica na presença de oxigênio. Sob determinadas condições de temperatura e umidade, milhares de microrganismos atuam quebrando moléculas, liberando calor, gás carbônico e água, até resultar em um produto estável e rico em matéria orgânica. Devido ao seu potencial de reaproveitamento, resíduos orgânicos não deveriam nunca ser encaminhados para a disposição final em aterros ou lixões.



OBJETIVO

Com essa perspectiva, o objetivo deste trabalho foi conhecer a percepção ambiental dos moradores da Região Hidrográfica 2, no oeste de SC, quanto ao uso de composteiras domésticas e a partir disso promover maiores debates sobre o assunto.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada na Região Hidrográfica 2 dos Estado de Santa Catarina que abrange 60 municípios e abarcam cerca de seiscentos mil habitantes (IBGE, 2010). Grande parte desses municípios com até 50 mil habitantes.

Foram aplicados 100 (cem) questionários com nove perguntas abertas e fechadas para moradores do ambiente urbano. As perguntas se basearam na necessidade de saber se o entrevistado realiza compostagem, e se sim ou não, quais as motivações que o levam a esta decisão. A aplicação se deu durante o mês de janeiro de 2019 de forma aleatória, sendo o questionário disponibilizado online para que interessados pudessem participar. Os dados foram tabulados em planilha Excel e comparados com bibliografias para traçar um perfil cultural da população no que se refere a compostagem doméstica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 100 questionários aplicados, 57% dos entrevistados responderam que NÃO realizam compostagem e 43% disseram que realizam. Quando questionados a forma que utilizam, dos que fazem compostagem 91% realizam compostagem em casa, e 9% no trabalho. O local que utilizam para compostagem 58% realizam no terreno e 41% em gaveteiros.

Aproximadamente 90% dos municípios brasileiros têm uma população de até 50.000 habitantes (IBGE, 2010), correspondendo a 33 % da população brasileira. Estes municípios em grande parte apresentam padrão de ocupação horizontal e habitações com disponibilidade de espaço intradomicílio permitindo o uso de composteiras domésticas e do composto produzido no próprio local, em jardins ou hortas. Isso ocorre na área de estudo que possui a característica de cidades menores, onde os moradores tem espaço no terreno para essa prática. Dentre os municípios da RH2, apenas Chapecó possui população acima de 50.000 habitantes, estando com 216.654 (IBGE, 2018) habitantes, porém ainda com um processo de ocupação horizontal.

Quanto ao tamanho do gaveteiro, 8 entrevistados usam até 16L, 5 utilizam tamanho personalizado, 5 entrevistados de 17 a 36L e 7 entrevistados acima de 36L. O tamanho dos gaveteiros é importante para que a produção diária seja, sendo que devem ser dimensionados. Monteiro et al (2001) explicam que há fatores que devem ser considerados quanto à geração de resíduos, pois o tipo e quantidade também são influenciados por alguns fatores, tais como: fatores socioeconômicos, nível cultural, nível educacional, poder aquisitivo (semanal/mensal), desenvolvimento tecnológico, lançamento de novos produtos, promoções de lojas comerciais ou campanhas ambientais e número de membros das famílias.

Ao questionar sobre os benefícios da compostagem, 80% dos entrevistados consideram que servem como adubo, 35% reduz a quantidade de resíduos no aterro e 8% que reduz a poluição. Segundo Nascimento et al (2005) as vantagens da compostagem são:

- Melhora da saúde do solo. A matéria orgânica composta se liga às partículas (areia, limo e argila), ajudando na retenção e drenagem do solo melhorando sua aeração;
- Aumenta a capacidade de infiltração de água, reduzindo a erosão;
- Dificulta ou impede a germinação de sementes de plantas invasoras;
- Aumenta o número de minhocas, insetos e micro-organismos desejáveis, devido a presença de matéria orgânica, reduzindo a incidência de doenças de plantas;
- Mantêm a temperatura e os níveis de acidez do solo;
- Ativa a vida do solo, favorecendo a reprodução de micro-organismos benéficos às culturas agrícolas;
- Possibilita a resolução do problema da deposição final de grande parte dos resíduos sólidos urbanos.
- Redução do lixo destinado ao aterro, com a consequente economia com os custos de aterro e aumento de sua vida útil;

- Aproveitamento agrícola da matéria orgânica;
- Processo ambientalmente seguro;
- Eliminação de patógenos;
- Economia de tratamento de efluentes.

Percebe-se que mesmo não utilizando, os entrevistados assinalaram benefício produzidos pela compostagem, sendo apenas 9% dos entrevistados dizem não saber quais os benefícios. Porém quando questionados se estariam dispostos a fazer compostagem, dos 57 entrevistados que ainda não fazem, 51% estariam dispostos a fazer, 48% talvez estariam dispostos e 1% não faria.

Destaca-se ainda a necessidade da educação ambiental e da apropriação dos benefícios, sendo algo não só para o outro, mas para toda sociedade. A educação ambiental constitui um processo informativo e formativo dos indivíduos, desenvolvendo habilidades e modificando atitudes em relação ao meio, tornando a comunidade educativa consciente de sua realidade global. Torna-se necessário mudar o comportamento do homem com relação à natureza, com o objetivo de atender às necessidades ativas e futuras, no sentido de promover um modelo de desenvolvimento sustentável (DIAS, 2010).

Quanto a problemas relacionados a compostagem, 6 entrevistados justificam a presença de cheiro, insetos e roedores. Observando as respostas individuais percebe-se que são composteiras em céu aberto. Esta situação normalmente se deve a metodologia utilizada para compostar e os alimentos incluídos. Outros 3 entrevistados consideram que o dimensionamento da sua composteira está pequeno diante do tamanho da produção diária, considerando isso um problema. Destaca-se que 7 entrevistados justificam não ter compostagem pois moram em apartamento. Diante desse fato fica claro o desconhecimento sobre essa temática, compreendendo que a única forma de realizar compostagem é por meio de espaço no terreno.

Dos entrevistados que já realizam compostagem, todos indicariam para outras pessoas pois entendem os benefícios deste processo. Quanto aos motivos que não realizam compostagem, os entrevistados citam que não tem espaço (26%), não sabe fazer (24%), acredita que fica mau cheiro e possui proliferação de insetos (9%), que nunca pensou em fazer (4%), que a composteira é cara (3%) e que não tem aonde usar o material produzido (1%).

CONCLUSÕES

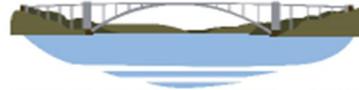
Evidenciou-se que 57% dos entrevistados responderam que NÃO realizam compostagem, isto é, apresentam motivos frágeis para não fazer isso: gera mal cheiro; falta de espaço e tempo; economicamente caro para adquirir composteira, etc. Talvez essa visão justifica a grande problemática na quantidade de resíduos que a população gera e por vezes, apesar de existir alternativas simples para resolução de problemas quanto a destinação correta, que é o caso da compostagem doméstica, boa parte da população ainda não têm interesse em fazer isso.

Alternativas de compostagem individuais vem sendo algo viável e sem necessidade de grandes investimentos. Atualmente as composteiras caseiras podem ser construídas a partir de materiais reutilizáveis, como é o caso de baldes vazios oriundos de massa corrida utilizadas pela construção civil.

Conclui-se que ainda falta educação ambiental para divulgar as possibilidades de construção de composteiras domésticas e incentivos para que toda população pratique a compostagem, sem ter nenhum ônus para tal. Entende-se que com esta prática quem ganha é toda a sociedade através de um meio ambiente equilibrado, com menos resíduos orgânicos dispostos em aterros, lixões e até em locais impróprios que podem contaminar águas, bem como financeiramente reduz-se gastos com a disposição de resíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRELPE - Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. **Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2017**. 2017. Disponível em: <http://abrelpe.org.br/download-panorama-2017/>. Acesso em: 01 abr. 2019.
2. BRASIL. **Lei Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos.
3. DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. GAYA, 2010. 399 p.
4. IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018)**. Disponível <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/chapeco/panorama>. . Acesso em: 20 jan. 2019.



5. MONTEIRO, J H P et al. **Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos**. Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da presidência da República – SEDU, Coordenação técnica Victor Zular Zveibil. Rio de Janeiro: IBAM, 2001.
6. NASCIMENTO, Adelina M. (et. al). **Química e Meio Ambiente**: Reciclagem de lixo e química verde: papel, vidro, pet, metal, orgânico. Secretaria de Educação: Curso Formação Continuada Ciências Da Natureza, Matemática E Suas Tecnologias,2005.
7. SIQUEIRA, Thais Menina Oliveira de. ABREU, Marcos José de. Fechando o ciclo dos resíduos orgânicos: compostagem inserida na vida urbana. **Cienc. Cult.** 2016, vol.68, n.4, pp.38-43.